



Director literario:

Arquibaldo
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistica:

Edward Collette
 PAPUSSE

Zé Velhaco-velhacão



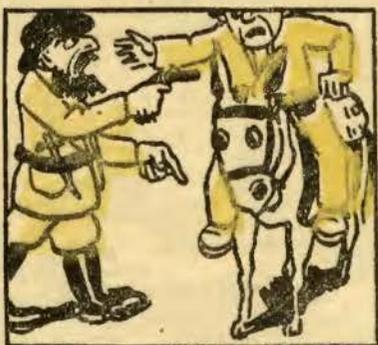
Com fama de muito rico,
 Zé Velhaco, escarranchado
 Em cima do seu jerico,
 Val caminho do mercado.



Leva num sacco de coiro,
 Segundo reza um letreiro,
 Cem libras — (libras em ouro)
 O que é já bem bom dinheiro.



Não há ninguém que não veja
 O sacco em tal evidência;
 E se não morda de inveja,
 Perante tanta opulência.



Nisto, aparece um ladrão
 Que exige do Zé Velhaco,
 Apontando um pistôlão,
 A pronta entrega do sacco,



Já com o sacco na mão,
 Põe-se o ladrão a fugir!...
 Mas Velhaco — (velhacão) —
 Fica-se rindo a bom rir.



Pois as libras que ele tinha
 Levava-as dentro dum chavo;
 O sacco apenas continha
 Cem moedas de centavo.



O FILHO DO FAROLEIRO

POR

MARIA LEONOR LIMA BRANDES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



Oi em Dezembro, choveu sem cessar todo o dia.

O velho faroleiro previa, à noite, uma grande tempestade. Os lobos do mar raras vezes se enganam, devido à sua muita prática. O faroleiro tinha recebido aviso de que, perto da meia noite, navegaria um grande navio de passageiros, ao largo do farol.

A noite aproximava-se. Um denso nevoeiro envolvia o farol e a casa do faroleiro. O bom velhote tinha tudo preparado para fazer os sinais ao navio quando passasse, ao largo, à meia noite. Logo ao escurecer, acendeu o farol e pôs a busina a trabalhar. A atmosfera era cada vez mais carregada. A noite estava negríssima. A trovoadá desencadeou-se. Os relâmpagos sucediam-se a miúdo, iluminando as trevas.

As três horas um furacão levou a cúpula do farol. Já não havia aparelho de rotação. O pobre faroleiro, muito aflito, não sabia o que havia de fazer. Só tinha um recurso, era a ronca que funcionava muito bem. Mas isso era insuficiente. A fúria do temporal era tanta que o faroleiro tinha receio que o vento não deixasse ouvir o roncar da campânula à distância a que o navio passaria. O velho lobo do mar, que jámais conhecera o medo, andava muito assustado. Sua mulher resava pedindo a Deus que não acontecesse alguma desgraça.

Porém, ocorreu ao faroleiro uma idéa. Mandou o seu filho Pedro buscar toda a lenha que tinha em casa, e levá-la para o ponto mais elevado da rocha, enquanto ele foi buscar ao palheiro toda a palha que ele continha, para a queimar juntamente com a lenha, a ver se, assim, do navio se avistavam as chamas, e para assim o capitão do grande navio se poder guiar. A palha e a lenha pouca eram. Depressa arden e o navio sem dar ainda sinal de si!

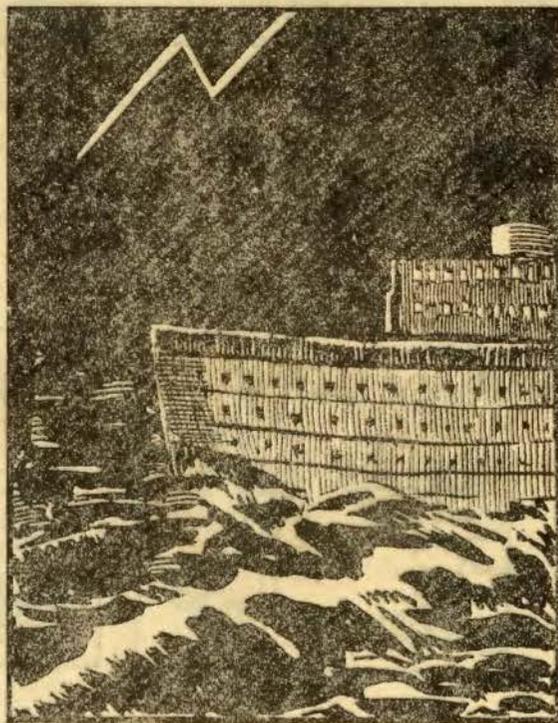
A aflicção do faroleiro por cada minuto que passava, era maior. A trovoadá pairou por cima do farol. Os trovões ribombavam com estrondo enorme. Uma faísca eléctrica caiu sobre a grande trombeta quebrando-a. Agora, o farol já não roncava.

Está tudo perdido, a não ser que o navio tenha a felicidade de vir navegando muito ao largo. — dizia o faroleiro desvirado.

Uma outra trovoadá vinda do sul, encontrou-se com a

primeira. O espectáculo metia pavor. As faíscas cortavam o espaço em todas as direcções. A chuva torrencial, fustigava com fúria insana os vidros das janelas da casa do faroleiro, aonde a mulher continuava a resar uma oração fervorosa pedindo a Deus clemência.

A tempestade abrandou um pouco e os trovões ouviam-se agora mais ao longe. O nevoeiro continuava a ser muito



denso. De repente, o faroleiro ouviu o buzinar do navio. Ficou como louco, levantou as mãos ao céu e exclamou:

— Senhor, Senhor, para que é tanta fúria?! O navio vem de encontro ao rochedo, meu Deus! Salvai aquela gente que eu não lhes posso valer!

O navio continuava a roncar como que a pedir socorro. Nisto o filho do faroleiro, pequeno de doze anos, veddo o pai muito aflito, teve uma idéa súbita.

— Meu pai, meu pai, tenho uma idéa,
— Dize, meu filho, depressa.



— Deitamos fogo à nossa casa, as labaredas sobem a grande altura, o pessoal do navio vê e o capitão muda de rumo.

— Boa idéa, corramos meu filho, que Deus nos ajude. E lá foram a corrêr lançar fogo à sua casa!

A mulher do faroleiro continuava a resar no seu oratório e quando viu entrar, espavoridos, filho e marido, assustou-se muito.

— Vamos deitar fogo à nossa casa, mulher. Corre para a rua! A pobre velhinha compreendeu logo o alcance: saiu apressadamente.

Pai e filho tiraram a palha do colchão da cama, espalharam-na no meio do quarto, deitaram-lhe para cima as cadeiras velhas, derramaram uma lata de petróleo por cima, e lançaram o fogo.

Cá fóra ouviram, mais distintamente, o navio a pedir socorro e o faroleiro exclamou: — E' já tarde meu Deus! O navio ouve-se tão bem, é porque está muito perto.

As chamas elevaram-se rapidamente. Pareciam querer lambar o céu.

Pareceu ao faroleiro que do navio deviam avistar as chamas, e não se enganou; o barco afastava-se do perigo de morte. A grande buzina ouvia-se cada vez mais longe.

Uma desgraça nunca vem só. A velhinha, a mulher do faroleiro, lembrou-se, já na rua, e quando a casa estava

envolvida pelas chamas, da sua caixinha do dinheiro e correu a ir buscá-la.

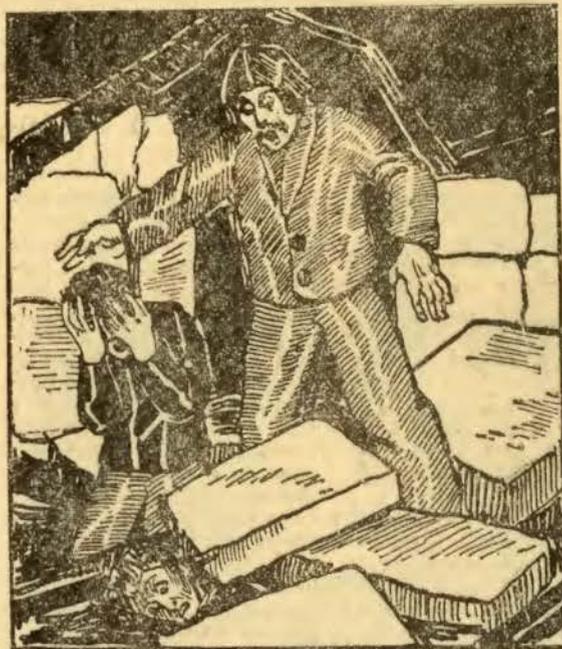
O marido e o filho, deram pela sua falta e correram a ver se a mulher lá tinha ficado dentro da casa a arder. Entraram pela janela da cosinha e por entre a fumarada que quasi os asfixiava, e de gatas foram à casa de entrada onde viram a pobre mulher estendida no chão por debaixo de grandes pedras. Ficaram aterrorizados. Foi ao dar-se a grande derrocada que a desgraçada mulher ficou debaixo dos escombros e morreu esmagada sob o peso dos pregulhos enormes.

Agora a casa era apenas um enorme braseiro, e pai e filho quedaram-se pasmados junto ao cadaver daquela que fóra sua companheira de tantos anos de trabalho e de tantas privações.

Do lugar próximo avistam-se as chamas do incêndio voraz e o povo correu ao farol com a sagrada intenção de acudir ao fogo. Chegaram e viram aquela grande desgraça.

Os jornais do dia seguinte descreviam o macabro acontecimento, elogiando a abnegação do faroleiro e do filho elamentaram a morte da desgraçada mulher.

O navio era um grande paquete de passageiros, americanos, que, sabendo como foram salvos duma morte certa, contemplaram generosamente o faroleiro e o filho, mandando construir à sua custa uma nova casa que lhes ofere-



ceram em sinal de gratidão. O filho do faroleiro foi mandado educar pela empreza do barco, e hoje é um bravo capitão de navios.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLECCAO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

I — BARRACA DE FANTOCHES

III — PÁ-TÁ-PÁ

II — CÔ-CO-RO-CO

IV — LANTERNA MAGICA

V — O PAPAGAIO AZUL

Note bem: — Todos estes volumes são impressos em magnífico papel e profusamente ilustrados a cores
Preço por volume 5\$00 ESCUDOS. Para assinantes de «O Século» 4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

P O R

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



ENTRETANTO, ligeiramente maguado da queda, Paulito ergueu-se dentre um montão de loiça rachada, de vidros partidos e lascas de madeira, atarantado e tonto do trambolhão.

Olhando em volta as terríveis consequências da tentativa infeliz e prevendo o rigoroso castigo que, ao chegar a casa, o tio Anastácio lhe aplicaria, zurzindo-o com as correias ou o chicote da Russa-Molenga, Paulito, assustado,

pálido, aflito decidiu que a única solução, para o caso, seria a de fugir, fugir quanto antes, dar às de Vila Diogo e nunca mais voltar!

No peito o coração batia-lhe... Mas antes lhe batesse o coração no peito, que lhe batesse nas costas o Tio Anastácio que sem coração batia. E desatou a fugir, a correr... a correr, desabaladamente, sem saber para onde! — «O diacho da loiça!... E logo — (que sina!) — tudo feito em cacos!» Paulito, de quando em quando, olhava para trás. Ia deixar para sempre a sua casinha, Pedrito, os seus companheiros que tanto gostavam de o ver dar cambalhótas na eira e a eira, o milho e o sacho, sêneas, couves e porcos que o aborreciam, é certo, mas de que êle, afinal, sentia tantas saudades.

Cansado, extenuado de tanto correr, já distante da herdade, sentou-se num mórro do atalho e desatou a chorar. Que havia de fazer agora?! Voltar para casa?! Mas o Tio Anastácio quando a Ti'Ana lhe mostrasse toda a loiça partida, desancá-lo-ia, matá-lo-ia à pancada! Não! não teria coragem para arrostar com a cólera dêles. Mas também para onde havia de ir, sôzinho, sem cinco réis na algibeira?!

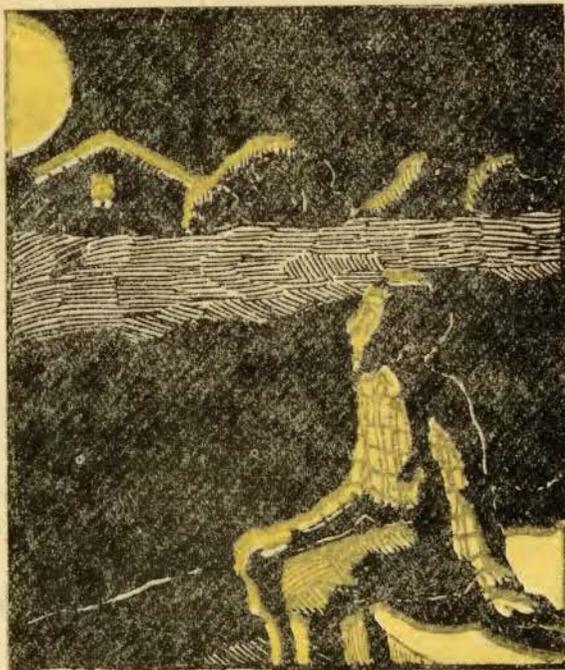
Então, todo lavado em lágrimas, pôs-se a olhar com um olhar parado, esquecido, a lua, muito redonda e branca, que havia pouco tempo nascera.

Nisto, súbitamente, amortecido, sumido pela distância a que se encontrava de casa, ecoou, ressoou longínquo o rataplan-plan... dos saltimbancos lá no largo da aldeia.

Um desejo imenso de voltar para trás, de ir ver de novo a pequenita, tão loira e tão linda, vestida de malha cõr de rosa, à luz do acitilene tão brilhante e doirada, de ir ouvi-la outra vez cantar ao som do cornetim, o assaltou de repente.

Mas ai, o Tio Anastácio por lá andaria, decerto, à sua procura, com as correias ou o chicote na mão!

Então, resolveu deitar-se ao comprido, à beirinha do atalho, de ouvido à escuta, até que, embalado pelo cornetim e o rataplan do tambor, adormeceu e sonhou. Sonhou que estava de novo a assistir à divertida função e que, num dado momento, a tal menina tão loira e tão linda o puxara e o convidara a dar também cambalhótas. Que todos riam das suas habilidades e todos lhe davam palmas, mas que,

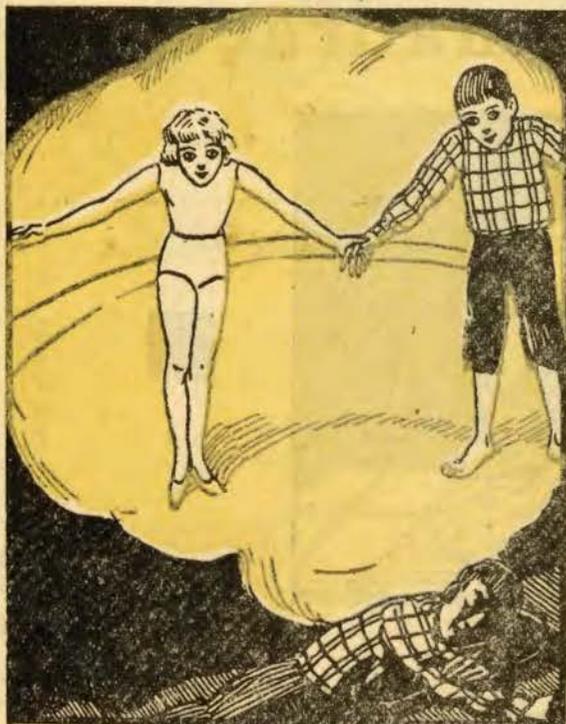


a certa altura, alguém trouxera para o meio da scena, um grande armário todo cheio de loiça, o armário do Tio Anastácio, e que êle caíra de novo do cimo de três cadeirinhas matando, pela queda do armário maldito, a menina de cõr de rosa, tão loira e tão linda. Súbitamente, acordou. Acordou e viu em sua frente — como se fõra um milagre — a pequenita e os saltimbancos em seu redor, os quais, já findo

o espectáculo, caminho doutros lugares, deixavam aquela aldeia. Um pouco atrás, uma carroça com armação em lona encerada, para resguardo da chuva, atrelada a um burro la-

zarento» murmurou pai Rambóia puxando à rédea o burro lazarento, em cujo olhar sorumbático, triste, se reflectia toda a miséria do grupo.

E assim, Lito enlaçado à cintura de Nucha, mãe Lêsma sobraçando uma trouxa de roupa, feita de remendos, e Pai Rambóia puxando à rédea o burro lazarento, se pôs a caravana em marcha, entre as sombras oscilantes da noite, como ursos bailando ao som de um grande pandeiro:— a lua.



zarento, em cujo olhar parecia reflectir-se toda a miséria do grupo.

«Eh!... pá!... que fazes 'hi, só?!...» berrou-lhe o saltimbanco idoso, enquanto a pequenita lhe afagava os cabelos húmidos pela transpiração que lhe causara o pesadelo. «Deixei-me dormir... estava a sonhar!...» balbuciou Paulito estremunhado. — «Então que estavas tu a sonhar?» perguntou-lhe a pequenita, com uma vozinha tão suave e doce que logo animou Paulito a responder-lhe:

— «Estava a sonhar contigo!» — «Comigo?!...» voltou a pequenita surpreendida com o resposta, pois não se lembrava de o ter já visto. — «Sim, contigo...» — tornou o pequenito, agora bem acordado; — «que estavas a trabalhar no trapézio e me convidaras a dar também cambalhotas, porque eu gosto muito de dar cambalhotas, eu também sei dar cambalhotas!»

— «Então, dá lá uma cambalhota para a gente ver!» disse a pequenita a sorrir.

— Três ou quatro duma só vez!...» respondeu o Paulito, já esquecido do prejuizo que causara à Ti'Ana e ao tio Anastácio, pondo num rodopio o corpo magrinho e ágil.

O saltimbanco, mal êle terminou a série de cambalhotas, voltou-se para a mulher e comentou, alvarmente, numa expressão boçal, a meia voz:

— O Pimpólho, tem queda... Com quatro ou cinco pontapés no trazeiro, faz-se dêle um palhaço! E se a gente o levasse?!...

Ela acenou com a cabeça e, numa voz avinhada, rouquejou:

— «Queres vir connosco, pimpólho?... Tens comida, bebida, dormida e vida à gandaia mas farta!»

— «Aprenderás a trabalhar no trapézio, comigo!» acrescentou a pequenita fazendo-lhe uma carícia. Paulito olhou para ela com ternura e respondeu, afogueado, vermelho de entusiasmo: — «pois tá de ver que sim! era isso mesmo que eu queria! Como te chamas?»

— «Nucha!» exclamou, sorridente, a pequenita — «e esta a mãe Lêsma e êste o pai Rambóia. E tu como te chamas?»

— «Paulito.» respondeu Paulo, passando-lhe a mão pela cintura.

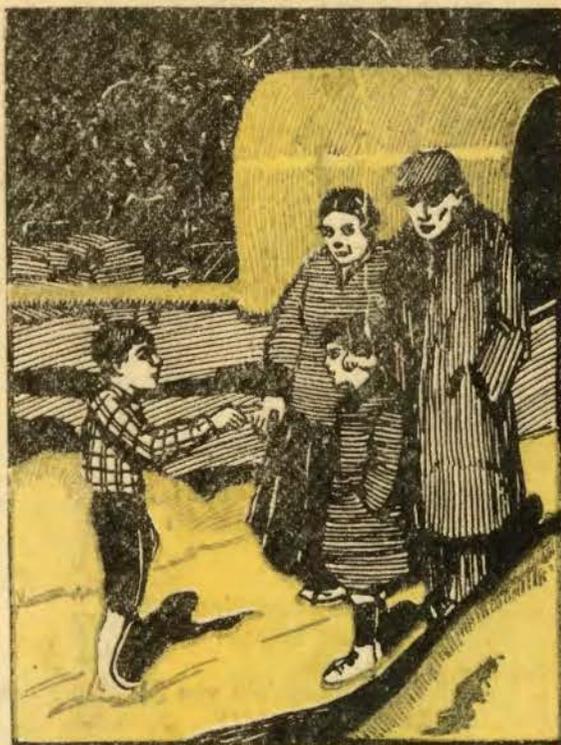
— «Pois ficarás sendo só Lito, que é mais nome de pa-

Entretanto, em casa do Tio Anastácio, Ti'Ana praguejando contra o Destino, berrava, barafustava que o Dêmo lhe entrara em casa no dia em que lhe morrera o compadre Matias, irmão do tio Anastácio, e a lambisgóia da cunhada, Ti'Zefa, com quem andava sempre ao despique, vítimas da epidemia maldita que, havia, vai para as cadeias, dois anos, grassara na terra, deixando-lhe por herança, juntamente com o usufruto da casa e das terras, os mafaricos, piores que a peste, de Paulo e Pedrito.

Já a mobília em seus respectivos lugares, lá estava o armário com os vidros partidos, apoiado na malga das sêneas, em substituição de um pé que se quebrara na queda, lá estava a parte da loiça que se salvara do grande cataclismo, e a outra parte, em cacos, no caixote do lixo, por baixo do fogareiro, na cosinha.

Tio Anastácio já farto de procurar Paulito, entrava agora em casa, ameaçador, com a correia da cilha da Russa Molenga, inquirindo se o matarrico voltara. E, ante a negativa azoïnada da Ti'Ana, atirando a correia para trás da porta, rematou fufubuindo:

— «Pois quanto mais tardar mais há-de arrecadar! A fome o há-de trazer. Vamos nós para a cama!»



CONTINUA NO

PROXIMO

NÚMERO

A vergonha porque passa, toda a criança madraça...



P O R
G R A C I E T T E B R A N C O
D E S E N H O D E E D U A R D O M A L T A

(A O P E Q U E N I N O J O A O P E D R O S A N C H E S A I C H E R D E C A R V A L H O)

Vá:

— «A,
— E,
— I,
— O,
— U.

Se tu,
Bébé,

não lês isto aqui,
nem vais no pó-pó,
nem gosto de ti!

Que feio! Que feio!
E é que não há-meio!...

Ouvir o priminho
Zezinho
Sabino,

que é tão pequenino,
dizer isto já!

E só o Bébé
— ¡que feio que é!
não passa do A!!!

Quando fôr p'r'á escola,
apanha na tola,
com grosso ponteiro
comprido!

E, dentre um berreiro,
— é certo e sabido —
por ser um casmurro,
(assim que as mereça)

levar na cabeça,
orelhas de burro!

¡Que feio! Que feio!

...Entanto,
Bébé,
estende o dedinho,
e diz, com carinho,
com pranto:
— «Mamãzinha, vá...»
E passa do A!
E passa de E!
Do I, do O e do U!...

Pois então?!
assim é que é,
Senão,
na escola,
— trú-trú...
batiam na tola,
e punham, com pressa,
— se fôsse casmurro —
orelhas de burro
na sua cabeça!...

¡Que feio! ¡Que feio!
Que feio, que feio!!!...

HORA do RECREIO

O anel sem peso

Acreditareis, acaso, que é possível suspender seja o que fôr de coisa alguma?

Pois pode. E senão realise-se a seguinte experiência:

Prepare-se um fio, pondo-o de molho vinte e quatro horas em água salgada e secando-o em seguida ao ar livre.

Para executar a experiência, amarre-se a este fio um anel e prenda-se a outra extremidade do fio a um prego espetado na parede.

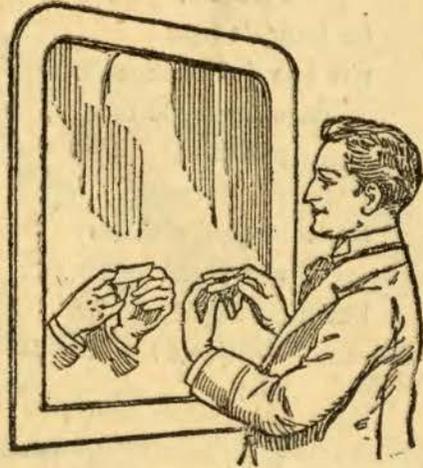
Queime-se depois o fio.



O fio arde todo, é claro, mas o anel continuará suspenso das cinzas (conforme a figura indica). O sal deu suficiente consistência e solidez para sustentar o fraco peso.

Enrolar um cigarro ao espelho

Eis uma experiência baseada sobre o reflexo dos espelhos e que consiste em impedir um fumador de enrolar o seu cigarro, por muito habituado que esteja a essa tarefa. Colocai-o a 50 centímetros de um espelho, impondo-lhe a obrigação de



observar o trabalho das sua mãos, apenas, pelo reflexo do espelho. Para maior segurança interpõe-se-lhe, entre os olhos e as mãos, uma folha de papel, um jornal, um calendário, etc., o que o impede de ver directamente a acção dos seus dedos.

Nesta posição, entregai-lhe uma mortalha, ligeiramente dobrada de través, e, ao mesmo tempo, o tabaco necessário.

O paciente escusa de se cansar, que não conseguirá fazer o que, de olhos vendados, maquinalmente, faria.

ADIVINHAS

1

Sem mim ninguém existiu,
Tudo acaba por morrer!
Porque não tenho feito,
Ninguém me consegue ver!

2

Quando o meu corpo é de estanho,
Sou do reino mineral;
Se nas florestas me apanho,
Sou do reino vegetal!

DECIFRAÇÃO DA ANTERIOR:

Notícia.



— Isto agora é fácil, como é para baixo é tudo a descer...

— Mas também, cá para cima foi tudo a subir...

BEBÉ AO TELEFONE

P O R

GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

TRIM-im-im-im-im...

— «Está?

Está lá?

Primeiro,

faz favor de ligar

p'rá loja dos bombons,

...daqueles muito bons...

p'ra mim,

p'ra eu papar...

Eu tenho aqui dinheiro

p'ra pagar.

Deu-me o Papá!

— ¿Que é?

Ah!

Cá

chamam-me Bébé,

Não conhece? — Deixa-lo!

Olhe: depois,

faz favor de ligar

para o bazar,

que eu quero ir lá comparar

um carrinho de bois

e um cavalo.

...Está?

Está lá?

¿! Porque se está a rir?!

Ligue depressa, vá,

que se chega o Papá

ou a Mamã,

batem-me. — Ahn?

Porquê?

— Então não vê

que estou empoleirado

num sofá

e que posso cair?!



¿E pronto! E está-se a rir!

Pois olhe que o Bébé

não é

p'ra brincadeiras!...

O Bébé

é um homem!

E se o fazem chorar

e se o consomem

Arranha, morde, e até

dá pontapés!

Não senhor!

O Bébé

não é

p'ra brincadeiras!

Sabe subir sózinho

p'rás cadeiras!

Já se sabe benzer!

Sabe rezar

sem a Mamã dizer

devagarinho!

Vai aprender

a ler,

e a saber

aritmética,

com o Senhor Professor!

— E... ouça... atenda bem...

nos biquinhos dos pés,

chega ao comotador

da luz eléctrica...

O Bébé é alguém!

Anh, não oiço... anh?!

¿Que é?

— Já disse: sou Bébé.

¿! De quem sou filho?! — Ah!

Sou filho da Mamã!

E filho do Papá!